

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CURSO DE ZOOTECNIA**

Andreza Camila Camargo Covre

**Comparação do comportamento entre gatos domésticos sozinhos e
que convivem com outros gatos no mesmo lar**

FLORIANÓPOLIS - SC

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CURSO DE ZOOTECNIA

Andreza Camila Camargo Covre

**Comparação do comportamento entre gatos domésticos sozinhos
e que convivem com outros gatos no mesmo lar**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência para
obtenção do Diploma de Graduação em
Zootecnia da Universidade Federal de
Santa Catarina.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Lucélia Hauptli

FLORIANÓPOLIS – SC

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Covre, Andreza Camila Camargo
Comparação de comportamento entre gatos domésticos
sozinhos e que convivem com outros gatos no mesmo lar /
Andreza Camila Camargo Covre ; orientador, Lucélia
Hauptli, 2022.
37 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências
Agrárias, Graduação em Zootecnia, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Zootecnia. 2. Animais de companhia. 3. Felinos. 4.
Grupo. 5. Solitário. I. Hauptli, Lucélia. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Graduação em Zootecnia. III.
Título.

Andreza Camila Camargo Covre

Comparação do comportamento entre gatos domésticos sozinhos e que convivem com outros gatos no mesmo lar

Esta Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso foi julgada aprovada e adequada para obtenção do grau de Zootecnista.

Florianópolis, 24 de novembro de 2022.

Banca Examinadora:

Prof.^a Lucélia Hauptli, Dr.^a
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. André Luís Ferreira Lima, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Diego Peres Netto, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu falecido avô,
a quem agradeço as bases que deu para
me tornar a pessoa que sou hoje.

AGRADECIMENTO

Agradeço imensamente a professora Lucélia Hauptli, por ter sido minha orientadora, por toda dedicação e ser uma pessoa e profissional maravilhosa que esteve comigo desde o início do curso. Agradeço também o professor André Luís Ferreira Lima que durante a graduação se demonstrou um grande professor e um grande amigo. São dois professores que possuem minha grande admiração.

Agradeço ao meu companheiro Caio, por ter me apoiado e sempre estar ao meu lado. Agradeço meu avô Gentil de Moraes Camargo, pois foi por ele que batalhei até o final mesmo com tantas dificuldades durante o caminho, foi meu guia, e espero que onde esteja, esteja orgulhoso.

“Deus, Pátria, Família e Liberdade”

(Jair M. Bolsonaro)

RESUMO

O presente estudo objetivou comparar o comportamento entre gatos domésticos sozinhos e que convivem com outros gatos no mesmo lar em relação as suas interações com os tutores e pessoas fora do âmbito familiar. Para este fim, foi utilizado o banco de dados de um questionário sobre comportamento felino do ano de 2020, que foi direcionado a residentes em Florianópolis, SC, que possuem um ou mais gatos. Foram filtradas 376 respostas com as informações gerais do ambiente e forma de aquisição dos gatos pelos tutores, seus comportamentos espontâneos e reativo com seus tutores e com pessoas fora do vínculo familiar. As informações consideradas gerais, como município de residência, dados dos tutores e gatos, ambiente do gato, foram estruturadas de maneira descritiva. Já as variáveis de comportamentos espontâneos e reativos foram referentes a comparações de gatos que vivem em lares sozinhos, em duplas, trio ou quartetos. Os dados foram submetidos a teste de normalidade e posteriormente a análise não-paramétrica de Kruskal-Wallis com testes pareados (Post-hoc) de Wilcoxon / Mann-Whitney, utilizando-se a distribuição de Qui-quadrado (χ^2) para comparar possíveis associações de condição do gato (sozinho ou acompanhado) no mesmo lar com as variáveis comportamentais. Para os comportamentos espontâneos os resultados mostram que gatos que vivem sozinhos no lar tendem a morder ($p < 0.01$) e arranhar ($p < 0.01$) mais o tutor quando comparados aos demais. Tanto nos lares com um gato ($p = 0.08$) ou com quatro gatos ($p = 0.03$), os felinos apresentaram maior predisposição em arranhar objetos. Para os comportamentos reativos (ao ser acariciado, escovado, repreendido, manuseado por pessoas e veterinários) não houve evidências de diferenças de comportamentos dos gatos que vivem sozinhos, em duplas, trios ou quartetos. Concluiu-se que gatos que vivem sozinhos no lar tendem a interagir mais com o tutor de forma espontânea, com ações de morder e arranhar. Lares com quatro gatos foram os que apresentaram menor interação com os tutores, provavelmente pelo fato dos gatos interagirem mais entre seus semelhantes. Não houveram evidências de diferenças entre comportamentos reativos quando comparados gatos que vivem sozinhos no lar ou com outros gatos.

Palavras-chave: animais de companhia, felinos, grupo, solitário.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1. Número de gatos por residência de acordo com as respostas de 376 tutores do questionário na grande Florianópolis – SC. _____ 13
- Figura 2. Faixa etária dos tutores de gatos, de acordo com as respostas do questionário na grande Florianópolis – SC. _____ 14
- Figura 3. Idades atuais dos 376 gatos dos tutores responderam o questionário na grande Florianópolis – SC. _____ 15
- Figura 4. Frequência de acesso a ambientes externos por parte dos gatos que tem esta possibilidade, de acordo com a resposta dos tutores da grande Florianópolis – SC. _____ 16

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1 - Classe comportamental utilizada considerando as respostas de comportamentos espontâneos dos 376 gatos de acordo com os tutores que responderam o questionário na grande Florianópolis – SC. _____ 11
- Tabela 2 - Classe comportamental utilizada considerando as respostas de comportamentos reativos dos 376 gatos de acordo com os tutores que responderam o questionário na grande Florianópolis – SC. _____ 12
- Tabela 3 - Análise do hábito de “miar para o tutor” comparando lares com diferentes números de gatos de acordo com os tutores que responderam ao questionário na Grande Florianópolis – SC. _____ 17
- Tabela 4 - Análise do hábito de “morder o tutor” comparando lares com diferentes números de gatos de acordo com os tutores que responderam ao questionário na Grande Florianópolis – SC. _____ 19
- Tabela 5 - Análise do hábito de “arranhar o tutor” comparando lares com diferentes números de gatos de acordo com os tutores que responderam ao questionário na Grande Florianópolis – SC. _____ 19
- Tabela 6 - Análise do hábito de “arranhar objetos” em diferentes números de gatos residentes no lar de acordo com os tutores que responderam ao questionário na Grande Florianópolis – SC. _____ 20
- Tabela 7 - Análise comportamental dos gatos frente a serem “escovados” em diferentes números de gatos residentes no lar de acordo com os tutores que responderam ao questionário na Grande Florianópolis – SC. _____ 21
- Tabela 8 - Análise comportamental dos gatos frente a serem “manuseados por pessoas de fora do vínculo familiar” em diferentes números de gatos residentes no lar de acordo com os tutores que responderam ao questionário na Grande Florianópolis – SC. _____ 22
- Tabela 9 - Análise comportamental dos gatos frente a serem “manuseados pelo veterinário” em diferentes números de gatos residentes no lar de acordo com os tutores que responderam ao questionário na Grande Florianópolis – SC. _____ 23

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. OBJETIVOS	2
2.1. Objetivo Geral	2
2.2. Objetivos Específicos	2
3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	2
3.1. Características comportamentais dos gatos domésticos.....	2
3.2. Comportamento de gatos com seus semelhantes.	4
3.3. Comportamento de gatos domésticos com seus tutores.....	5
4. MATERIAL E MÉTODOS	7
4.1. Questionário.	8
4.1.1. Informações Gerais.	8
4.1.2. Comportamentos espontâneos dos gatos:	9
4.1.3. Comportamentos reativos dos gatos:.....	10
4.2. Metodologia analítica	10
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	12
5.1. Perfil do tutor	13
5.2. Perfil do(s) gato(s).....	14
5.3. Características do ambiente onde o (s) gato (s) reside (m):.....	15
5.4. Comportamentos espontâneos do(s) gato(s)	16
5.5. Comportamentos reativos do(s) gato(s)	20
6. CONCLUSÕES	23
7. REFERÊNCIAS.....	24

1. INTRODUÇÃO

O gato doméstico (*Felis catus L.*) tem grande popularidade como animal de companhia, havendo em torno de 600 milhões destes animais de estimação em todo o mundo (STATISTA, 2018). Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (BRASIL, 2019), o Brasil conta com 14.144 milhões de domicílios com algum gato, sendo considerado o animal de estimação que mais cresce em preferência, com alta de 8,1% anualmente (BARBOSA, 2020).

Segundo Todd (1977) o gato doméstico moderno pode não ser considerado um animal totalmente domesticado. É possível dizer que os gatos estão em um processo longo de domesticação devido as suas peculiaridades comportamentais estarem fortemente relacionadas ao seu passado primitivo, também como sua fácil adaptabilidade ao meio onde vivem.

O termo "solitário" é uma designação usada em biologia para espécies em que os indivíduos não formam grupos duradouros ou laços de pares, mas vivem a maior parte suas vidas em um estado solitário, onde machos e fêmeas geralmente ocupam territórios separados e se encontram apenas para o acasalamento (CROWELL-DAVIS et. al., 1997). Esta é uma terminologia bastante utilizada para designar o comportamento dos gatos domésticos. Porém, segundo Peterson (2011), gatos podem ser considerados animais sociáveis. Apesar de serem caçadores solitários (devido ao seu tamanho e suas necessidades energéticas), eles apresentam fases gregárias e formas pré-sociais de organização de grupos que são importantíssimas para as interações com o ambiente onde vivem.

O comportamento afiliativo é todo aquele que promove a coesão do grupo e que fortalece as relações sociais e laços afetivos, sejam elas com humanos ou com outros animais da mesma espécie (BARRY E CROWELL-DAVIS, 1999). É importante que os tutores saibam interpretar os sinais comportamentais emitidos pelos seus gatos, para que se desenvolva uma confiança e laços afetivos.

Este processo de socialização se reflete no âmbito de convívio com humanos. Um fator visível é quando o gato se esfrega em humanos, por exemplo. Neste caso trata-se de uma saudação ou até marcação do humano, como membro do seu grupo (BEAVER, 2005). Os gatos tendem a se esfregar muito mais ativamente em pessoas do que entre eles, sugerindo que o relacionamento descontraído e seguro aliado a um ambiente não competitivo que os humanos têm com os gatos, permite a

expressão de hábitos que normalmente só seria observado em gatos jovens com suas mães (LEYHAUNSEN, 1979).

Logo, este estudo objetivou comparar o comportamento entre gatos domésticos sozinhos e que convivem com outros gatos no mesmo lar em relação as suas interações com os tutores e pessoas fora do âmbito familiar, com informações que foram filtradas das respostas oriundas de um questionário aplicado no município de Florianópolis, SC, a tutores de gatos em relação a parte comportamental.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

Comparar gatos que vivem sozinhos e que convivem com outros gatos dentro do mesmo lar, em relação ao comportamento espontâneo e reativo com seus tutores e com pessoas fora do vínculo familiar humano. E comportamento espontâneo com objetos.

2.2. Objetivos Específicos

- Filtrar informações referentes a aspectos comportamentais de gatos castrados, machos ou fêmeas que vivem em residência na companhia de tutores, onde se encontram sozinhos ou acompanhados de outros gatos, conforme questionário aplicado no município de Florianópolis/SC, originário de Pires (2020);
- Comparar comportamentos espontâneos e reativos entre gatos que residem em lares sozinhos ou acompanhados de outros gatos, em relação aos seus tutores;
- Comparar comportamentos espontâneos e reativos entre gatos que residem em lares sozinhos ou acompanhados de outros gatos, em relação a humanos fora do âmbito familiar.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1. Características comportamentais dos gatos domésticos.

O gato doméstico pertence a Família Felidae, e Gênero Felis, onde alguns pesquisadores os consideram uma subespécie do gato silvestre (*Felis silvestres*),

pertencentes a África, Ásia e Europa, os denominando de *Felis silvestres catus* (EVANS et al., 2019; SHREVE e UDELL, 2015; CAFAZZO e NATOLI, 2009; KESSLER e TURNER, 1997). Outros autores consideram que estas são espécies distintas, os denominando apenas como *Felis Catus* (ROBINSON, 1975; ADAMEC, 1976; THOMAS et al., 2014; FUGAZZA et al., 2021). Por este motivo os gatos domésticos podem ser definidos pelo nome científico *Felis silvestris catus* ou *Felis catus*.

Uma possibilidade amplamente considerada sobre a domesticação dos gatos é que a aproximação com o homem teve um caráter mutualístico, devido a densidade de roedores presentes em habitações humanas que faziam armazenamento de grãos, que por sua vez atraíram os gatos que são predadores destes animais. Havendo registros dessa aproximação entre 9 e 10 mil anos atrás, no Oriente Médio (DRISCOLL et al., 2007).

Sendo assim, o gato se aproximou das áreas habitadas pelo homem, já que era favorecido pelas circunstâncias, bem como foi capaz de desenvolver sua capacidade de socialização para a conquista desta nova condição. Aos poucos o gato doméstico foi se propagando ao longo do globo, acompanhando todos os processos de conquistas humanas e colonização de novos ambientes. São considerados domésticos, os gatos que se encontram vinculados a um tutor, ou uma família, sendo seus donos os fornecedores da maior parte de suas necessidades (FERREIRA et. al., 2012).

Peterson (2011) estudando gatos domésticos afirmou que esses animais são sociáveis, apresentando fases gregárias e formas pré-sociais de organização de grupos que são de grande importância para as interações com o ambiente onde vivem. Gatos podem viver de forma independente, porém os benefícios são maiores quando vivem em grupos. Segundo Crowell-Davis et. al., (2004), a densidade populacional de uma colônia de gatos estaria diretamente relacionada à quantidade de alimento disponível, ao sexo dos indivíduos e ao status de dominância.

As colônias dos gatos são matrilineares, onde seu sucesso é determinado pelas relações cooperativas e afiliativas das fêmeas, como por exemplo, na cooperação nos cuidados com os filhotes que nascem dentro da colônia. A boa relação entre fêmeas aumenta a probabilidade das proles sobreviverem, uma vez que as fêmeas dividem os cuidados pós-amamentação dos filhotes, aumentando as chances deles sobreviverem e da colônia em prosperar. Toda colônia possui uma

fêmea dominante, onde as demais fêmeas devem possuir uma boa relação com ela. A dominância é importante também no sucesso de uma colônia, desde que ela não seja linear, sendo que sua função é majoritariamente definida pela experiência dos animais, um animal mais experiente tem acesso prioritário a fontes de comida e água (CROWELL-DAVIS et. al., 2004).

Com o início do processo de domesticação com caráter mutualístico, o ambiente frequentado pelo homem tornou-se um atrativo para os gatos. Esses, com suas gerações descendentes, permaneceram nesses locais, formando grupos populacionais complexos com relações de congregação e antagonismo. Esse modelo de colônia segue até os dias atuais com felinos de vida livre e indicam que locais com maior aporte alimentar acabam por concentrar um maior número de animais, dando início a formação de grupos. Em contrapartida, locais com menores recursos alimentares dão origem a animais mais solitários e dispersos. Porém é válido salientar que um comportamento solitário não impede um comportamento social. É também devido a densidade de recursos alimentares que se dá a amplitude do lar, ou seja, gatos formam limites territoriais. Tais limites são demarcados por meio de sinais visuais e olfatórios. Arranhar superfícies verticais (deixam marcas visuais e odores liberados pelas glândulas sebáceas das patas) e depositar urina e/ou fezes são formas que os felinos encontraram para demarcar seu território e assim manter possíveis intrusos longe de seu espaço (ROCHLITZ, 2005).

3.2. Comportamento de gatos com seus semelhantes.

A interação entre gatos de uma mesma colônia ocorre por uma variedade de formas, como aproximações físicas, toques, comportamento de limpeza social e vocalizações. A frequência relativa desses tipos de interação parece depender tanto da natureza do animal quanto das características do local onde gato vive e da relação estipulada entre os seus semelhantes (BRADSHAW E COOK, 1996).

Barry e Crowell-Davis (1999) analisaram o comportamento de reconhecimento afetivo de gatos que vivem domiciliados (com humanos) em comparação com gatos de vida livre. Os autores concluíram que gatos que vivem em domicílios demonstram baixas taxas de esfregar seus corpos mutuamente, quando comparados a gatos de vida livre. Pois existe um ambiente social estável já definido em gatos que vivem em ambiente doméstico com outros gatos e tutores,

diminuindo a necessidade de reconhecimento dos membros familiares. Gatos de vida livre estão sempre em contato com outros animais, sendo no período de caça ou quando algum novo membro entra no convívio deles, por isso, a taxa de se esfregar é maior. Assim como o cheiro dos gatos no convívio dentro de casa quase sempre permanece o mesmo quando comparado com gatos de vida livre que apresentam frequentemente cheiros estranhos aos gatos de seu convívio.

Gatos têm a habilidade de reconhecer membros de sua colônia e de perceber aqueles que são estranhos ao seu convívio, demonstram agressividade para com animais estranhos que se aproximem da colônia. Assim, como é típico com a maioria das espécies sociais, os membros não pertencentes ao grupo não possuem permissão para se aproximar casualmente e entrar no grupo. Se os membros que não forem da colônia persistirem nas tentativas para ingressar, eles podem eventualmente ser integrados ao grupo, mas apenas por um processo gradual que envolve muitas interações (MACDONALD et al., 1987), fato que é bem observado em inserção de um novo gato que vive dentro de um domicílio com tutores.

Dentro de uma colônia, alguns gatos são mais próximos uns dos outros, e também há os que são menos próximos do que o normal. Uma característica que define essa maior aproximação é a limpeza social, quando o gato usa sua língua para limpar outro gato, geralmente na cabeça e pescoço. O toque do nariz também é um comportamento de saudação exibido mais comumente entre gatos socialmente próximos (WOLFE, 2001). Não há efeito de gênero nessa ação, fêmeas são igualmente propensas a tocar o nariz em fêmeas e machos, assim como os machos têm a mesma probabilidade de tocar o nariz com fêmeas e machos (SUNG, 1998).

Essas características comportamentais de socialização dos gatos também podem ser percebidas para com os humanos, como afirma McCune (1995), ou seja, gatos têm o hábito de se esfregar em seus humanos e interagir tocando a face dos tutores com o focinho, imitando o relacionamento social que apresentam com seus semelhantes.

3.3. Comportamento de gatos domésticos com seus tutores.

As interações entre gatos e humanos podem assumir uma variedade de formas, incluindo carícias, vocalização e sinais corporais específicos. A frequência de interação dentro de um relacionamento particular entre gatos e humanos parece

dependem, em parte, do estilo comportamental do gato (FEAVER et al., 1986; MERTENS E TURNER, 1988), bem como nas características do lar onde o gato reside (MERTENS, 1991).

Os gatos tendem a demonstrar maior simpatia e sentem vontade de proximidade e contato para com humanos nos quais confiam (FEAVER et al., 1986). Em estudo de Mertens e Turner (1988) foi evidenciado que gatos são mais interativos quando humanos, não conhecidos dos gatos, iniciam o contato seja acariciando ou iniciando uma brincadeira lúdica. Os autores também concluíram que gatos apresentam uma enorme variação individual em suas características comportamentais de interação com os humanos. De acordo com Turner (2017) os gatos utilizam vocalizações mais frequentemente em presença dos humanos do que quando estão juntos com membros da mesma espécie, provavelmente refletindo um processo de aprendizagem. Em situações de solicitação de comida, elementos de vocalizações semelhantes a miados são encontrados no ronronar e os humanos podem detectar a diferença. Brown e Bradshaw (2014) sugerem que esse ronronar pode funcionar como um sinal manipulativo de contato e solicitação de cuidados, possivelmente incentivado pela resposta positiva do tutor.

Ellis et al. (2015) investigaram se os tutores eram capazes de classificar os contextos e chegar a um consenso sobre o conteúdo emocional do miado e vocalizações pertencentes a seus próprios gatos em comparação com gatos não familiares. Os autores concluíram que 40% dos participantes tiveram um desempenho significativamente acima do esperado nesta identificação. No entanto, quando a vocalização pertencia a um gato desconhecido, nenhum humano apresentou o mesmo desempenho. Ou seja, os participantes identificaram corretamente o contexto mais significativamente das vocalizações pertencentes ao seu próprio gato em comparação com aqueles pertencentes a um gato desconhecido, mostrando que há um vínculo maior de gatos no seu ambiente familiar do que com humanos estranhos ao gato.

Em relação a sinais corporais, um sinal visual do gato doméstico que deve ser mencionado é a posição da cauda. A cauda posicionada para cima, tem sido associado ao comportamento afiliativo entre gatos para sinalizar a intenção de interagir amigavelmente; o mesmo sinal é usado quando os gatos estabelecem contato com seus tutores (TURNER, 2017), sendo comum o gato demonstrar este comportamento quando encontra ou cruza com seu tutor no lar. Já a cauda

contraída é um sinal considerado de conflito, principalmente entre a mesma espécie (ELZERMAN et al., 2020). Outro sinal corporal está associado a posição das orelhas, de acordo com Deputte et al. (2021), quando dois gatos se encontram e mantêm as orelhas eretas, o resultado é significativamente positivo para uma proximidade amigável.

A relação entre o temperamento do gato e a personalidade do tutor pode ser moldada por vários fatores, incluindo os efeitos ambientais aos quais o gato está exposto em função da personalidade do tutor. Salienta-se que, quando o temperamento e o comportamento dos gatos não atendem às expectativas dos tutores, pode dificultar a formação de vínculo afetivo entre ambos (TRAVNIK et al. 2020).

4. MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi conduzido no Departamento de Zootecnia e Desenvolvimento Rural em da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Florianópolis – SC.

Foram avaliadas as respostas relevantes a este estudo, as quais já constam em um banco de dados de 812 respostas de um questionário online aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) – UFSC sob o número CAAE: 0780520.5.0000.0121, que resultou em uma primeira pesquisa de Pires (2020).

O questionário destinou-se a pessoas residentes na Grande Florianópolis que possuíam um ou mais gatos, sendo utilizada a plataforma o Google Forms® para acesso, e foi aplicado no período de 02 de junho a 21 de julho de 2020.

Em Santa Catarina 27,7% dos domicílios possuem gatos como animais de estimação (IBGE, 2013). Em Florianópolis, este número corresponde a 46.256 gatos, uma vez que a média de moradores por domicílio, atualizada, é de três e a população de Florianópolis é de 516.524 habitantes estimados (IBGE, 2021). Para a determinação do tamanho amostral, ou seja, para número de respostas do questionário será utilizado o modelo de Cochran (1965), denominado amostragem aleatória simples, utilizando-se a seguinte equação com grau de confiança de 95%:

$$n = \left(\frac{Z \cdot \sigma}{e_0} \right)^2$$

Onde:

n – estimativa do tamanho de amostra que se deseja obter;

Z – Valor tabelado (Tabela Z);

σ – Desvio padrão;

e – Nível de precisão.

Portanto, foi adotado como meta, um número mínimo de 376 respostas do questionário, considerando o cálculo adotado.

Para o estudo corrente foram utilizadas 376 respostas, uma vez que o filtro foi considerando lares com apenas um gato e lares com dois a quatro gatos. As perguntas avaliadas foram referentes a informações gerais que contextualizam o tutor, local de residência, ambiente em geral e aspectos comportamentais.

Na pesquisa foram considerados somente respostas referentes a gatos castrados, evitando assim, que comportamentos desencadeados por hormônios ligados a reprodução pudessem influenciar as respostas dos tutores.

4.1. Questionário.

As perguntas que foram utilizadas para esta pesquisa seguem abaixo.

4.1.1. Informações Gerais.

Nesta parte do questionário original (PIRES, 2020), foram filtradas as informações relevantes referente ao tutor, ambiente em que o gato reside e origem do gato.

Informações do tutor:

- Em qual município reside (Águas Mornas; Alfredo Wagner; Angelina; Antônio Carlos; Biguaçu; Canelinha; Florianópolis; Garopaba; Governador Celso Ramos; Leoberto Leal; Major Gercino; Nova Trento; Palhoça; Paulo Lopes; Rancho Queimado; Santo Amaro da Imperatriz; São Bonifácio; São João Batista; São José; São Pedro de Alcântara; Tijucas);

- Faixa etária do tutor do gato (18 a 25 anos; 26 a 35 anos; 36 a 45 anos; 46 a 55 anos; 56 a 60 anos; acima de 60 anos);

- Tipo de residência (Casa com terreno próprio; casa com terreno compartilhado; sítio; apartamento; outros);

- Possui quantos gatos?;

Informações do(s) gato (s):

- Qual o gênero do gato? (macho ou fêmea);

- O gato é castrado? (Sim; Não; Não tem certeza);

- Forma de aquisição do gato (Adotado de uma entidade (ONG, DIBEA, Feira de adoção); adotado de uma pessoa; encontrado na rua; comprado);

- O gato foi adquirido em qual estágio do crescimento? (antes do desmame; logo após o desmame; jovem (até 12 meses); adulto (de 12 meses e 1 dia até 8 anos); sênior (de 8 anos e 1 dia em diante)?;

- Qual a idade atual do seu gato? jovem (até 12 meses); adulto (acima de 12 meses até 8 anos); sênior (de 8 anos e um dia em diante);

- O gato possui histórico de maus tratos? (Sim ou Não. Não sabe responder; Suspeita que sim; Suspeita que não);

Informações do ambiente onde o gato reside:

- Tem contato constante com outros gatos em casa? (Sim ou Não; Não existem outros gatos na casa);

- O gato tem contato constante com outras pessoas além dos tutores? (Sim ou Não);

4.1.2. Comportamentos espontâneos dos gatos:

Nesta seção do questionário original (PIRES, 2020), foram feitas perguntas, que foram utilizadas no presente estudo, sobre o comportamento do gato e sobre a frequência que ele costuma demonstrar determinado comportamento com seu tutor, pessoas e objetos. Foi criada uma escala onde zero (0) corresponde a “pouco provável” e 3 a “muito provável, em relação as seguintes perguntas:

- Costuma miar para o tutor;

- Costuma/gosta brincar com o tutor;

- Costuma brincar sozinho;

- Tem o hábito de se esfregar em pessoas;
- Tem o hábito de se esfregar em objetos;
- Tem o hábito de lambe pessoas;
- Tem o hábito de lambe objetos;
- Tem o hábito de morder pessoas;
- Tem o hábito de morder objetos;
- Tem o hábito de arranhar pessoas;
- Tem o hábito de arranhar objetos;

4.1.3. Comportamentos reativos dos gatos:

Nessa seção foram filtradas as perguntas do questionário original (PIRES, 2020), onde buscou-se entender a intensidade do comportamento do gato e podiam ser selecionadas mais de uma resposta por pergunta. As respostas que eram comuns as perguntas eram: mia, bate, arranha, morde, “afofa com as patas”; sem reação; o gato não sofre a ação; retribui com afeto; ronrona, tenta fugir, se esquiva; outros. E as perguntas foram:

No manuseio pelos tutores (quais as reações do gato):

- Quando o gato é acariciado;
- Quando o gato é escovado;
- Quando o gato é repreendido verbalmente;

Comportamento do gato fora do vínculo familiar (quais as reações do gato):

- Quando o gato é manuseado por pessoas fora do vínculo familiar;
- Quando o gato é manuseado pelo veterinário.

4.2. Metodologia analítica

Após a filtragem, foi realizada a tabulação em planilha do Microsoft Excel® dos dados para adequação e posterior análise. As informações consideradas gerais, como município de residência, número de gatos na residência, dados do gato, ambiente do gato foi estruturada de maneira descritiva para situar os gatos da pesquisa em relação a suas características de ambiente.

As variáveis de comportamentos espontâneos e reativos foram submetidas a um teste para comprovar a ausência de normalidade nas suas respectivas distribuições (D'Agostino et al., 1990; Royston, 1991). Após esta confirmação, foi realizada a análise não paramétrica de Kruskal-Wallis com testes pareados (Post-hoc) de Wilcoxon / Mann-Whitney, utilizando-se a distribuição de Qui-quadrado (χ^2) para comparar possíveis associações das condições dos gatos (sozinhos e que convivem com outros gatos) com as variáveis comportamentais. Para isto, em cada teste os números de gatos no lar foram categorizados uma a uma (i.e., gato sozinho no lar testada=1 vs todos os outros números =0) e comparadas com cada variável comportamental categorizada de acordo com os escores das respostas dos tutores, onde: comportamentos não estimulado (espontâneos) /submetidos a estímulos (reativos) = 0 vs todos os outros possíveis escores de reatividades agrupados \neq 0.

A significância estatística para os testes supracitados foi considerada sempre que $p < 0,05$, porém, para todas as variáveis foram descritos os valores obtidos.

Para o fator denominado como comportamentos espontâneos, foi criada uma escala numérica para definir uma classe comportamental dos gatos no presente estudo, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 - Classe comportamental utilizada considerando as respostas de comportamentos espontâneos dos 376 gatos de acordo com os tutores que responderam o questionário na grande Florianópolis – SC.

Escala numérica	Escala comportamental
0	Não exerce a ação
1	Pouco provável
2	Provável
3	Muito provável

Para o fator denominado como comportamentos reativos, foi criada uma escala numérica para definir uma classe comportamental dos gatos no presente estudo, conforme apresentado na Tabela 2.

Tabela 2 - Classe comportamental utilizada considerando as respostas de comportamentos reativos dos 376 gatos de acordo com os tutores que responderam o questionário na grande Florianópolis – SC.

Escala numérica	Classe comportamental	Comportamentos considerados para a classe
0	Não sofre a ação pelo tutor	-
1	Não agressivo, carinhoso	"Afofa com as patas", Retribui com afeto, Ronrona, mia com demais observações dóceis.
2	Indiferente	Gato não reage.
3	Receoso	Tenta fugir, se esquivar.
4	Agressivo	Bate, Arranha, Morde, Tenta fugir, se esquivar, demais observações agressivas.
5	Aleatório*	Reações aleatórias, mudança de comportamento de dócil a agressivo.

* Aleatório: tratam-se de gatos que não tem ações possíveis de classificação, oscilam entre ações não agressivas e/ou agressivas e/ou indiferentes frente a situação reativas.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das 376 respostas filtradas, os tutores que possuem apenas um gato são 34,3%, que corresponderam ao grupo “gatos sozinhos”. Dos 65,7% gatos considerados do grupo que “convivem com outros gatos”, 37,0% são tutores que têm dois gatos, 22,3% são aqueles que possuem três gatos e 6,4% são lares com quatro gatos (Figura 1). Por esta razão, os dados para análises foram comparando lares com um gato, com dois, com três e com quatro gatos.

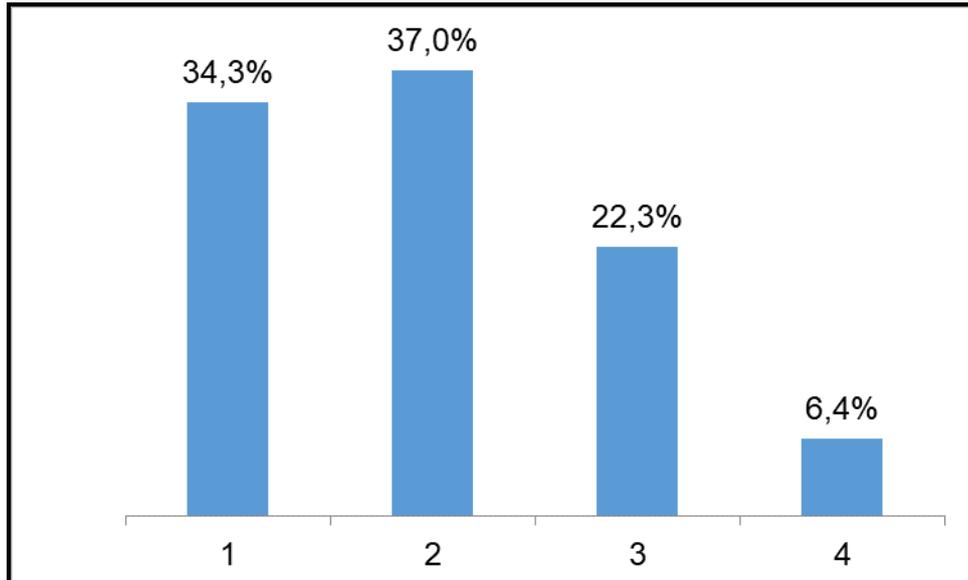


Figura 1 – Número de gatos por residência de acordo com as respostas de 376 tutores do questionário na grande Florianópolis – SC.

5.1. Perfil do tutor

As respostas foram predominantemente de tutores residentes na cidade de Florianópolis (73,1%), seguido de São José (16,2%), Palhoça, Biguaçu (2,7%) e outros municípios (2,4%).

A faixa etária predominante dos tutores foi de 26 a 35 anos de idade (33,2%) seguida por tutores de 18 a 25 anos (26,6%) e de 36 a 45 anos (24,2%), conforme Figura 2.

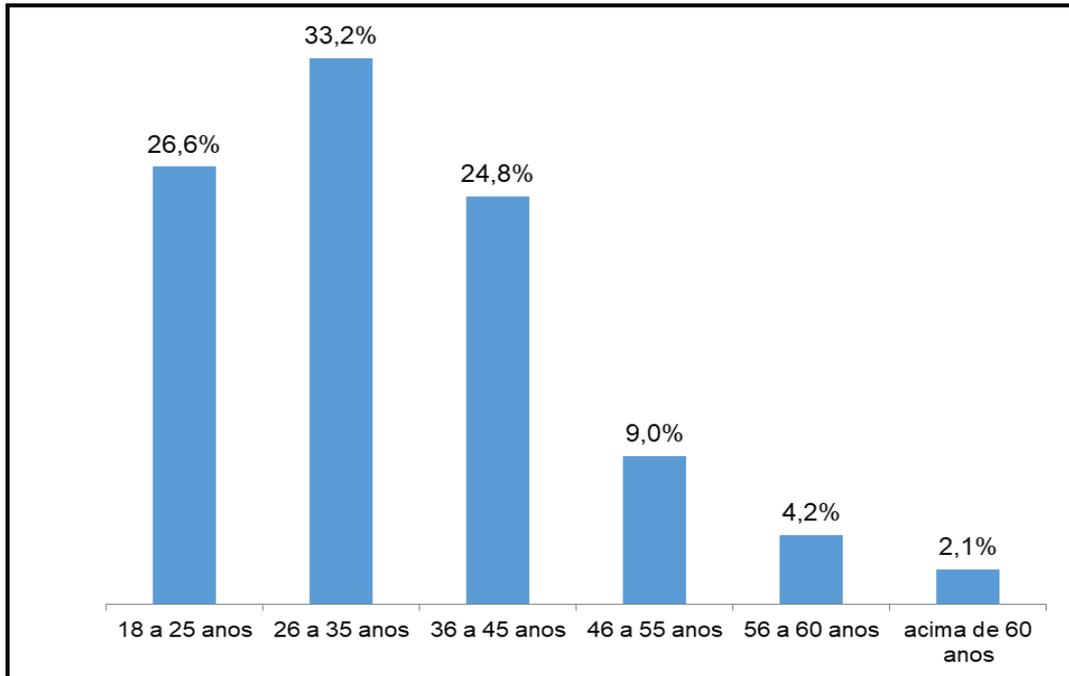


Figura 2 - Faixa etária dos tutores de gatos, de acordo com as respostas do questionário na grande Florianópolis – SC.

O tipo de residência predominante dos tutores e seus gatos é apartamento, com 61,97% das respostas, seguida de casa (37,5), e 0,53% residem em sítio.

5.2. Perfil do(s) gato(s).

De acordo com os tutores, a maioria dos gatos foram provenientes por meio de adoção (96,01%), onde 51,33% foram adotados de outra pessoa e 14,63% foram adotados de uma entidade (Organizações não governamentais, Divisão de Bem-estar animal do município, Feira de adoção), seguindo com 30,05% desses gatos encontrados na rua, 2,93% comprados e 1,06% nasceram no próprio lar.

Em relação ao estágio de vida que esses gatos foram adquiridos pelos tutores, pouco mais da metade desses animais foram adquiridos logo após a desmama (54,52%), 18,62% foram adquiridos jovens com até 12 meses de idade; 14,36% foram adquiridos antes do desmame; 11,70% dos tutores adquiriram os animais adultos (dos 12 meses e 1 dia até 8 anos de idade), e apenas 0,80% desses gatos foram adquiridos em estágio sênior.

71,30% dos gatos apresentam uma idade adulta (de 12 meses e um dia até 8 anos), 19,10% idade sênior (depois de 8 anos e 1 dia) e 9,60% possuem idade jovem de até 12 meses de idade, conforme Figura 3.

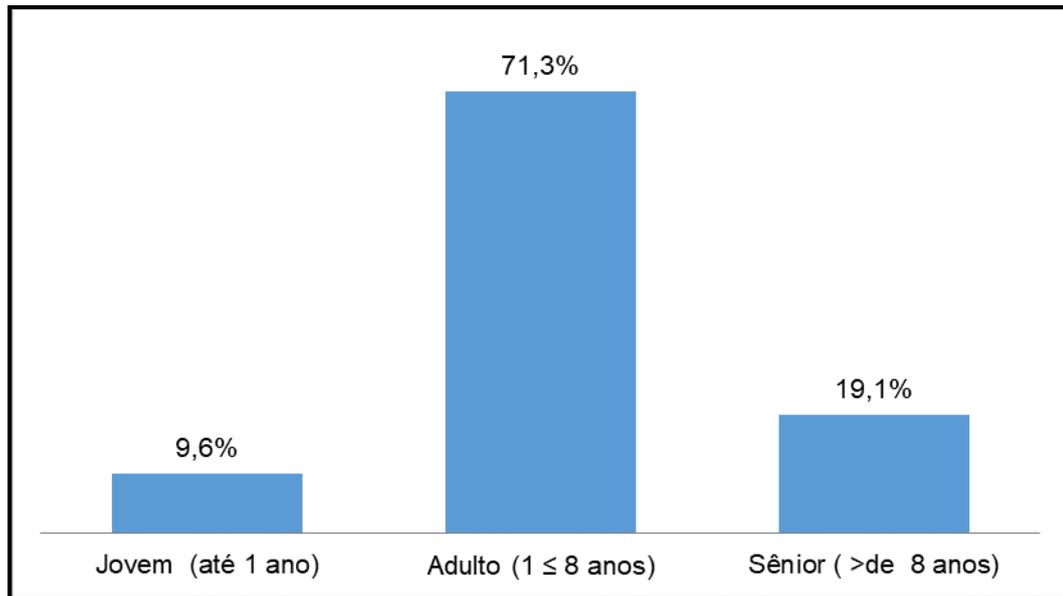


Figura 3 - Idades atuais dos 376 gatos dos tutores responderam o questionário na grande Florianópolis – SC.

De acordo os tutores, 58,78% dos gatos participantes da pesquisa não possuem históricos de maus tratos, 7,71% dos gatos sofreram algum tipo de maus tratos. 14,89% dos tutores relatam que suspeitam que houve histórico de maus tratos com os gatos, 18,62% suspeitam que não ou não sabem responder.

A maioria dos gatos avaliados não possui raça definida (80,32%); 8,51% são de raça e 11,17% dos tutores não tem certeza, sendo que 56,38% são fêmeas e 43,62% machos.

5.3. Características do ambiente onde o (s) gato (s) reside (m):

Em relação ao ambiente do gato: 72,07% dos tutores responderam que seu gato não possui acesso a ambiente externo e 27,93% responderam que os gatos possuem acesso a áreas externas. Dos gatos que possuem acesso ao ambiente externo, 48,7% pode sair diariamente durante dia e noite; 33,9% tem acesso diário, mas somente em um período do dia ou noite; 10,1% tem acesso poucas vezes no mês, em ocasiões especiais; 5,5% dos gatos tem acesso poucas vezes por semana, aos finais de semana. E ainda existem aqueles gatos que tem acesso a ambiente externo somente com coleira e guia (Figura 4).

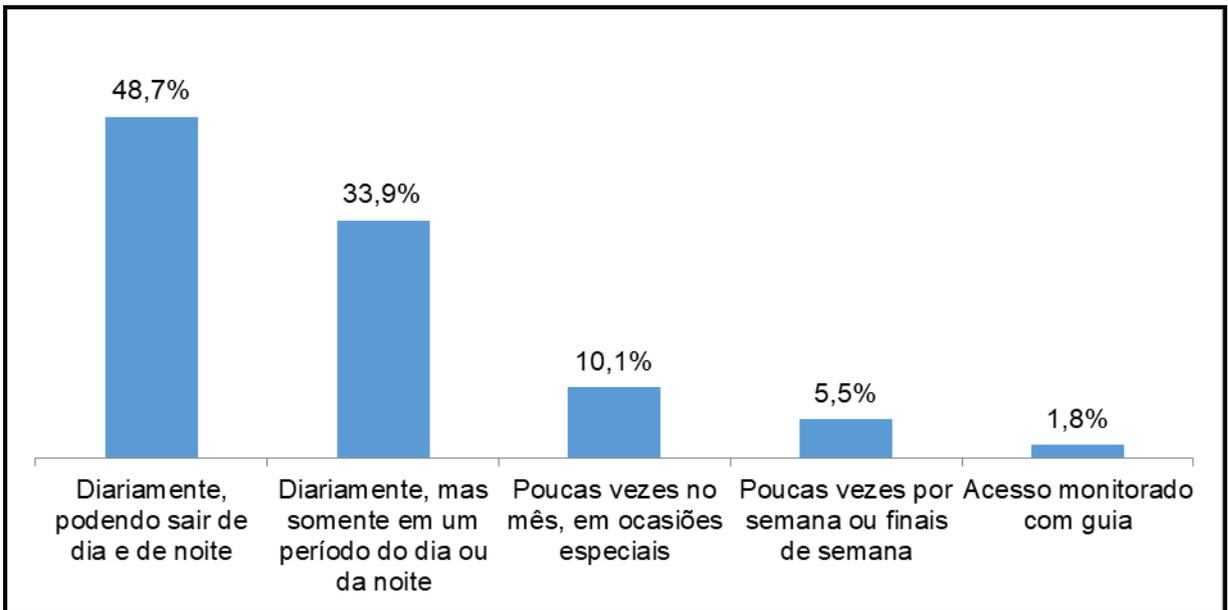


Figura 4 - Frequência de acesso a ambientes externos por parte dos gatos que tem esta possibilidade, de acordo com a resposta dos tutores da grande Florianópolis – SC.

Considerando os gatos que possuem acesso a ambiente externo diariamente, independente do período (total ou parcial), 50,67% por decisão própria permanece junto ao lar, de acordo com as respostas dos tutores.

Os tutores alegam que 54,26% dos gatos têm contato constante com outras pessoas além dos tutores e 45,74% não possuem contato com tanta frequência com outras pessoas.

5.4. Comportamentos espontâneos do(s) gato(s)

De acordo com os tutores 56,91% dos gatos apresentam hábito de miar frequentemente, de forma espontânea para os tutores, independentemente do número de gatos no lar, conforme Tabela 3.

Tabela 3 - Análise do hábito de “miar para o tutor” comparando lares com diferentes números de gatos de acordo com os tutores que responderam ao questionário na Grande Florianópolis – SC.

N de gatos por residência	Frequência	Intervalo*	Mediana	χ^2	Valor de P
1	129	0-3	3	0.06	0.80
2	139	0-3	3	0.28	0.59
3	84	0-3	3	1.43	0.23
4	24	0-3	3	0.25	0.61

* Onde: 0 = não exerce a ação; 1 = pouco provável; 2= provável; 3= muito provável

Segundo Turner (2017) os gatos utilizam vocalizações mais frequentemente em presença dos humanos do que quando estão juntos com membros da mesma espécie, provavelmente refletindo um processo de aprendizagem. Em situações de solicitação de comida, elementos de vocalizações semelhantes a miados podem ser detectados pelos humanos. Logo, observa-se no presente estudo que, independente do gato ter companhia de outro felino ou não, o fato de ter humanos no lar os estimula a miar de forma similar.

Em relação às atividades de brincadeiras, 57,71% dos gatos têm grande tendência de brincar frequentemente com os tutores, conforme suas respostas. Assim como, 40,43% também apresentam alta disposição em brincar sozinhos independentemente do número de gatos residentes no lar. Segundo Scholten (2017), com duas semanas de vida os gatinhos dão início a tentativas de atividades lúdicas e a partir das quatro semanas de vida, quando o filhote já dispõe de habilidades visuais e locomotoras, observa-se o início de atividades de interação como patadas, mordidas, rolar com a barriga para cima, andar de lado, abocanhar presas, caçar e o pular horizontalmente. Já a brincadeira do tipo individual acentua-se, na sétima semana de vida, no momento em que os filhotes começam a desmamar e, assim, acabam por intensificar as atividades que estão relacionadas ao comportamento predatório. Assim, podemos observar que independentemente do número de gatos no lar, o ato de brincar é um comportamento intrínseco dos gatos.

Sobre o hábito de se esfregar, 53,46% os tutores responderam que o gato tem hábito frequente de se esfregar nos seus tutores, e 56,65% dos gatos tendem a se esfregarem em objetos, independentemente do número de gatos residentes no lar. Segundo Gomes (2019), o odor das glândulas faciais é depositado em objetos ou indivíduos quando o gato esfrega ou toca com a cabeça e face, e tem o intuito de

marcar território, transferir informação sobre o seu estado emocional e também indicar o seu estado reprodutivo, corroborando com Scholten (2017), que afirmou que o hábito de esfregar a cabeça e o corpo sobre indivíduos do grupo, sobre objetos ou até mesmo em pessoas e outros animais seria uma forma de disseminar seu odor particular que serve como identificação dos membros do grupo. O ato de se esfregar pode ser usado como um comportamento de marcação (VERBERNE E BOER 1976), ou segundo McCune (1995) os gatos têm o hábito de se esfregar em seus humanos e interagir tocando a face dos tutores com o focinho, imitando o relacionamento social que apresentam com seus semelhantes. Portanto, por ser um hábito característico dos gatos, tendem a se esfregar ativamente em objetos e pessoas para marcação de território, reconhecimento e socialização, independentemente do número de gatos habitantes no lar.

Sobre o hábito de lambar, os tutores responderam que a maior parte dos gatos não possuem o hábito de lambar pessoas (36,70%) ou tem baixa predisposição (28,19%) a esta ação de forma espontânea. Das respostas avaliadas, 66,22% dos gatos também não apresentaram o hábito de lambar objetos, não havendo diferenças significativas com relação a lares com um ou até quatro gatos. Quando é feito o ato de acariciar a cabeça ou pescoço de um gato é realizado um estímulo em uma área onde os gatos normalmente cuidam um do outro. Portanto, é por isso os gatos são particularmente cooperativos ao serem acariciados neste local, girando a cabeça e ronronando como fariam durante uma interação interespecie (CROWELL-DAVIS et al, 2004). Sendo assim, quando gatos na natureza formam colônias esses animais demonstram afeição por lambar e cuidar um do outro, especialmente na cabeça e no pescoço para manter o odor da colônia (RODAN, 2010) e isso pode ser visto em gatos domésticos realizando o mesmo comportamento em seus tutores humanos.

Sobre o hábito de morder, observou-se que a maior parte das respostas afirma que gatos não tem hábito de morder pessoas (36,17%) e objetos (48,14%). Porém, lares com apenas um gato, de acordo com as respostas, apresentam resultados significativos ao ato de morder o tutor ($p < 0.01$) se comparado aos demais. Tutores com quatro gatos foram os que responderam a menor incidência de mordidas, segundo as respostas obtidas no questionário (Tabela 4).

Tabela 4 - Análise do hábito de “morder o tutor” comparando lares com diferentes números de gatos de acordo com os tutores que responderam ao questionário na Grande Florianópolis – SC.

N de gatos por residência	Frequência	Intervalo*	Mediana	χ^2	Valor de P
1	129	0-3	2	17.74	<0.01
2	139	0-3	1	5.66	0.01
3	84	0-3	1	3.84	0.05
4	24	0-3	1	0.01	0.88

*Onde: 0 = não exerce a ação; 1 = pouco provável; 2= provável; 3= muito provável

Resultados similares, no contexto geral foram observados no hábito de arranhar, a maior parte das respostas indica que os gatos não têm hábito de arranhar pessoas (47,61%), porém, gatos que vivem sozinhos no lar ($p < 0,01$) apresentaram respostas, ainda que pouco provável, para uma maior predisposição em arranhar os tutores se comparados aos gatos que vivem com companheiros no lar (Tabela 5).

Tabela 5 - Análise do hábito de “arranhar o tutor” comparando lares com diferentes números de gatos de acordo com os tutores que responderam ao questionário na Grande Florianópolis – SC.

N de gatos por residência	Frequência	Intervalo*	Mediana	χ^2	Valor de P
1	129	0-3	1	21.63	<0.01
2	139	0-3	0	7.50	<0.01
3	84	0-3	0	3.01	0.08
4	24	0-3	0	0.44	0.50

*Onde: 0 = não exerce a ação; 1 = pouco provável; 2= provável; 3= muito provável

A brincadeira é um comportamento social e predatório normal entre gatos em crescimento, mas pode também ser observado em gatos adultos que apresentam uma relação social amigável (GOMES, 2019). Os comportamentos normais de brincadeira incluem: perseguir, atacar, saltar para cima, dar patadas com as unhas retraídas ou dentadas com inibição de mordida, e com poucas ou nenhuma vocalizações (CHAPMAN, 1991). Logo, os hábitos questionados nesse estudo, de arranhar e morder o tutor, podem estar relacionados com atitudes de brincadeiras dos gatos com seus tutores, uma vez que se tratam de perguntas sobre comportamentos espontâneos, quando o gato toma a atitude de exercer a ação. Sendo uma forma do gato gastar mais energia e chamar atenção dos tutores, não

sendo necessariamente uma forma de agressividade. É interessante ressaltar, que lares com quatro gatos foram os que apresentaram as respostas de menor interação com os tutores, tanto para a ação de arranhar quanto a de morder o tutor, muito provavelmente pelo fato de eles interagirem mais entre seus semelhantes no ato de brincar.

Em relação a arranhar objetos, 67,82%, as respostas mostram que os gatos apresentam média a alta probabilidade de realizar esta ação. Foi constatado que gatos que vivem de forma solitária ($p=0.08$) e lares com quatro gatos ($p=0.03$) apresentaram maior predisposição em arranhar objetos (Tabela 6).

Tabela 6 - Análise do hábito de “arranhar objetos” em diferentes números de gatos residentes no lar de acordo com os tutores que responderam ao questionário na Grande Florianópolis – SC.

N de gatos por residência	Frequência	Intervalo*	Mediana	χ^2	Valor de P
1	129	0-3	2	2.92	0.08
2	139	0-3	2	0.85	0.35
3	84	0-3	2	0.14	0.70
4	24	0-3	2	4.55	0.03

*Onde: 0 = não exerce a ação; 1 = pouco provável; 2= provável; 3= muito provável

Segundo Atkinson (2018), as glândulas interdigitais dos gatos depositam odor através da marcação com as unhas nas árvores ou objetos da casa. O ato de arranhar superfícies, além de ser um comportamento normal dos felinos para manter a boa saúde das unhas, é uma forma de comunicação tátil, visual e olfativa que os gatos encontraram para sua organização espacial (SCHOLTEN 2017). O que pode ser percebido nos resultados é que gatos que são únicos no lar podem estar arranhando com maior frequência objetos, com o intuito de “mostrar” aos humanos que esses são os seus territórios. Já no caso de lares com quatro gatos, pode estar ocorrendo uma disputa territorial, onde o gato que deixa maior marcação, arranhando os objetos, considera ter domínio por certas áreas do lar.

5.5. Comportamentos reativos do(s) gato(s)

Em relação a comportamento reativo, a maioria dos gatos (72,87%) quando acariciados pelos tutores retribuem o gesto com carinho, ou seja, a reação é não

agressiva, não havendo diferença entre o número de gatos residentes no lar, de acordo com as respostas obtidas.

Em relação a escovação, 16,76% das respostas apontam que os gatos não são escovados pelos seus tutores. E, 31,38% dos gatos reagem de forma não agressiva; 23,94% tem reação de tentar fugir desta ação, conforme respondido pelos tutores.

Os gatos que vivem em pares, ou seja, lares com dois gatos, foram aqueles que demonstraram menor reatividade ($p=0.02$) quando escovados pelo tutor, sendo carinhosos ou agindo de forma não agressiva (Tabela 7), de acordo com as respostas. Muito provavelmente pelo fato de gatos que convivem em duplas, estarem mais unidos por terem apenas uma referência da mesma espécie no lar. Fazendo com que o ato de um gato ser escovado seja observado pelo outro gato, como uma atitude de carinho por parte do tutor, semelhante ao ato de lambar que eles realizam entre as espécies.

Tabela 7 - Análise comportamental dos gatos frente a serem “escovados” em diferentes números de gatos residentes no lar de acordo com os tutores que responderam ao questionário na Grande Florianópolis – SC.

N de gatos por residência	Frequência	Intervalo*	Mediana	χ^2	Valor de P
1	129	0-5	2	0.57	0.44
2	139	0-5	1	4.85	0.02
3	84	0-5	2	0.47	0.49
4	24	0-5	3	2.90	0.08

*Onde: 0 = não sofre a ação; 1 = não agressivo, carinhoso; 2 = indiferente; 3 = receoso; 4 = agressivo; 5 = aleatório

A repreensão oral do tutor causou reações de receio (46,01%) na maioria dos gatos, seguida de reações de indiferença (34,31%), de acordo com o visualizado pelos tutores, independentemente do número de gatos que vivem no lar. Ao contrário dos cães, os gatos são considerados animais não sociais por muitas pessoas, pelo fato de não interagirem e expressarem atitudes que visam emoção (SCHWARTZ, 2002). Apesar de não ser uma afirmação unânime entre os tutores de gatos, vale ressaltar que um comportamento de repreender um gato com a voz pode não ter o mesmo efeito quando realizado com cães, os quais possuem interação social mais contínua (DE SOUZA MACHADO e SANT’ANNA 2017) e são mais

reativos a voz e gestos dos tutores. Então, a resposta dos gatos com indiferença é esperada na ação de repreensão.

Quando manuseado por pessoas fora do vínculo familiar, os tutores observam que a maioria dos gatos retribuem com afeto (36,17%) ou temem as pessoas, sendo receosos (26,86%). Os gatos que vivem em pares ($p=0.02$) foram os que demonstraram menor reatividade, sendo carinhosos ou agindo de forma não agressiva (Tabela 8), muito provavelmente pelo fato das duplas de gatos estarem sempre unidas, encorajando a ação de maior afetividade com humanos desconhecidos.

Tabela 8 - Análise comportamental dos gatos frente a serem “manuseados por pessoas de fora do vínculo familiar” em diferentes números de gatos residentes no lar de acordo com os tutores que responderam ao questionário na Grande Florianópolis – SC.

N de gatos por residência	Frequência	Intervalo*	Mediana	χ^2	Valor de P
1	129	0-5	1	0.45	0.50
2	139	0-5	1	4.78	0.02
3	84	0-5	2	0.76	0.38
4	24	0-4	1.5	2.32	0.12

*Onde: 0 = não sofre a ação; 1 = não agressivo, carinhoso; 2 = indiferente; 3 = receoso; 4 = agressivo; 5 = aleatório

Mertens e Turner (1988) estudaram o comportamento de gatos em primeiros encontros com humanos desconhecidos e concluíram que as reações dos gatos são mais influenciadas pela idade do humano desconhecido, com maior aceitação de interação com adultos. No presente estudo não houve este tipo de questionamento, sobre a idade predominante das pessoas fora do vínculo familiar que interagem com os gatos.

Quando manuseados pelo veterinário, independentemente do número de gatos dentro do lar, 32,18% dos gatos não apresentaram reações agressivas; 31,12% temem os veterinários, tentando fugir e 14,10% agem de forma agressiva, de acordo com a observação dos tutores. Os gatos que vivem em trios ($p=0.01$), foram significativamente mais indiferentes em relação ao veterinário se comparados aos demais (Tabela 9).

Tabela 9 - Análise comportamental dos gatos frente a serem “manuseados pelo veterinário” em diferentes números de gatos residentes no lar de acordo com os tutores que responderam ao questionário na Grande Florianópolis – SC.

N de gatos por residência	Frequência	Intervalo*	Mediana	X2	Valor de P
1	129	0-4	3	0.64	0.42
2	139	0-4	2	2.12	0.14
3	84	0-5	2	5.66	0.01
4	24	0-4	1.5	0.14	0.70

*Onde: 0 = não sofre a ação; 1 = não agressivo, carinhoso; 2 = indiferente; 3 = receoso; 4 = agressivo; 5 = aleatório

Segundo Pinheiro et al. (2015) os gatos são animais que evitam contato com outras espécies, preferindo a solidão e demonstrando uma baixa capacidade de socialização. Gatos, sendo animais solitários por natureza, evitam a interação com outras espécies, preferindo a vida solitária ou em colônias com outros gatos (RODAN et al., 2011). Sendo assim, nota-se no presente estudo uma maior indiferença ou uma reação de não agressividade dos gatos para com os veterinários quando consultados, de acordo com as respostas dos tutores. Não havendo uma explicação científica para uma diferença comportamental dos gatos que vivem em trios, podendo este ser um resultado casual.

6. CONCLUSÕES

Em relação a comportamentos espontâneos, gatos que vivem sozinhos no lar tendem a interagir mais com o tutor de forma espontânea, com ações de morder e arranhar. Lares com quatro gatos foram os que apresentaram menor interação com os tutores, provavelmente pelo fato dos gatos interagirem mais entre seus semelhantes. Não houveram evidências de diferenças entre comportamentos reativos quando comparados gatos que vivem sozinhos no lar ou com outros gatos.

7. REFERÊNCIAS

ADAMEC, Robert E. The interaction of hunger and preying in the domestic cat (*Felis catus*): an adaptive hierarchy? **Behavioral Biology**, v. 18, n. 2, p. 263-272, 1976.

ATKINSON, Trudi. **Practical feline behaviour: understanding cat behaviour and improving welfare**. CABI, 2018.

BARBOSA, F. **Pet – um mercado sem crise**. ES Brasil. 24 de outubro de 2020. Disponível em: Acesso em: <esbrasil.com/pet-um-mercado-sem-crise/> 21 ago de 2021.

BARRY, Kimberly J.; CROWELL-DAVIS, Sharon L. Gender differences in the social behavior of the neutered indoor-only domestic cat. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 64, n. 3, p. 193-211, 1999.

BEAVER, Bonnie V. **Comportamento Felino- Um Guia para Veterinários**. Editora Roca, 2005.

BRADSHAW, John WS; COOK, Sarah E. Patterns of pet cat behaviour at feeding occasions. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 47, n. 1-2, p. 61-74, 1996.

BRADSHAW, John. Normal feline behaviour:... and why problem behaviours develop. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 20, n. 5, p. 411-421, 2018.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **População de Animais de Estimação no Brasil - 2013 - ABINPET 79**. Disponível em: <<https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/camaras1setoriais-tematicas/docum.entos/camaras-tematicas/insumos1agropecuarios/anos-anteriores/ibge-populacao-de-animais-de-estimacao-no1brasil-2013-abinpet-79.pdf/view>>. Acesso em: 22 dez. 2021

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Domicílios com algum gato, por situação do domicílio - 2019 - SIDRA**. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/4931>>. Acesso em: 21 set. 2021.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Brasil/Santa Catarina/Florianópolis**. 2021. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/florianopolis/panorama>> Acesso em 22 de dezembro de 2021.

BROWN, Sarah L.; BRADSHAW, John WS. Communication in the domestic cat: within-and between-species. **The Domestic Cat: The Biology of Its Behaviour**, p. 37-59, 2014

CAFAZZO, S.; NATOLI, E. The social function of tail up in the domestic cat (*Felis silvestris catus*). **Behavioural processes**, v. 80, n. 1, p. 60-66, 2009.

CHAPMAN, Barbara L. Feline aggression: classification, diagnosis, and treatment. **Veterinary clinics of North America: Small animal practice**, v. 21, n. 2, p. 315-327, 1991.

CROWELL-DAVIS, Sharon L.; CURTIS, Terry M.; KNOWLES, Rebecca J. Social organization in the cat: a modern understanding. **Journal of feline medicine and surgery**, v. 6, n. 1, p. 19-28, 2004.

CROWELL-DAVIS, Sharon L.; BARRY, Kimberly; WOLFE, Randall. **Social behavior and aggressive problems of cats**. *Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice*, v. 27, n. 3, p. 549-568, 1997.

DE SOUZA MACHADO, Daiana; SANT'ANNA, Aline Cristina. Síndrome de ansiedade por separação em animais de companhia: uma revisão. **Revista Brasileira de Zootecias**, v. 18, n. 3, 2017.

DEPUTTE, Bertrand L. et al. Heads and Tails: An Analysis of Visual Signals in Cats, *Felis catus*. **Animals**, v. 11, n. 9, p. 2752, 2021.

DRISCOLL, Carlos A. et al. The Near Eastern origin of cat domestication. **Science**, v. 317, n. 5837, p. 519-523, 2007.

D'AGOSTINO, R.B., BELANGER, A.J., D'AGOSTINO JR., R.B., 1990. A suggestion for using powerful and informative tests of normality. *Am. Stat.* 44, 316e321

EDWARDS, Claudia et al. Experimental evaluation of attachment behaviors in owned cats. **Journal of Veterinary Behavior**, v. 2, n. 4, p. 119-125, 2007.

ELLIS, Sarah LH; SWINDELL, Victoria; BURMAN, Oliver HP. Human classification of context-related vocalizations emitted by familiar and unfamiliar domestic cats: an exploratory study. **Anthrozoös**, v. 28, n. 4, p. 625-634, 2015.

ELZERMAN, Ashley L. et al. Conflict and affiliative behavior frequency between cats in multi-cat households: a survey-based study. **Journal of feline medicine and surgery**, v. 22, n. 8, p. 705-717, 2020.

EVANS, Rebecca et al. The purrfect match: The influence of personality on owner satisfaction with their domestic cat (*Felis silvestris catus*). **Personality and Individual Differences**, v. 138, p. 252-256, 2019.

FERREIRA, Giovanna A.; NAKANO-OLIVEIRA, E.; GENARO, G. Gatos: Vilões ou vítimas. **Revista Expedição de Campo**, v. 3, p. 22-26, 2012.

FEAVER, Julie; MENDEL, Michael; BATESON, Patrick. A method for rating the individual distinctiveness of domestic cats. **Animal Behaviour**, v. 34, n. 4, p. 1016-1025, 1986.

FUGAZZA, Claudia et al. Did we find a copycat? Do as I Do in a domestic cat (*Felis catus*). **Animal Cognition**, v. 24, n. 1, p. 121-131, 2021.

GOMES, Dídia Maria Leitão. **Interação Entre Gatos Coabitantes: A Percepção do Tutor**. 2019. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa (Portugal).

KESSLER, M. R.; TURNER, D. C. Stress and adaptation of cats (*Felis silvestris catus*) housed singly, in pairs and in groups in boarding catteries. **Animal Welfare**, v. 6, n. 3, p. 243-254, 1997.

LEYHAUSEN, Paul et al. Cat behaviour. **The predatory and social behaviour of domestic and wild cats**. Garland STPM Press., 1979.

MACDONALD, D.W. et al., 1987. Social dynamics, nursing coalitions and infanticide among farm cats, *Felis catus*. **Advances in Ethology (supplement to Ethology)** 28, 1–66.

MERTENS, Claudia; TURNER, Dennis C. Experimental analysis of human-cat interactions during first encounters. **Anthrozoös**, v. 2, n. 2, p. 83-97, 1988.

MERTENS, Claudia. Human-cat interactions in the home setting. **Anthrozoös**, v. 4, n. 4, p. 214-231, 1991.

MCCUNE, Sandra. The impact of paternity and early socialisation on the development of cats' behaviour to people and novel objects. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 45, n. 1-2, p. 109-124, 1995.

PETERSON, Larry. **Pediatria de pequenos animais 1a edição**. Elsevier Brasil, 2011.

PIRES, Raoni Tayguara. **Relação entre cor da pelagem em gatos domésticos e comportamento agressivo – uma abordagem na Grande Florianópolis**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Curso de Zootecnia. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). 2020. 51p.

RODAN, Ilona. Understanding feline behavior and application for appropriate handling and management. **Topics in companion animal medicine**, v. 25, n. 4, p. 178-188, 2010.

RODAN, Ilona et al. AAFP and ISFM feline-friendly handling guidelines. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 13, n. 5, p. 364-375, 2011.

RODAN, I. Compreensão e manuseio amistoso dos gatos - I. In: LITTLE, S. E. *O Gato Medicina Interna*. 1. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015. v.1, cap.1, p.2-18.

ROBINSON, Roy. The domestic cat, *Felis catus*. In: **Handbook of genetics**. Springer, Boston, MA, 1975. p. 351-365.

ROCHLITZ, Irene (Ed.). **The welfare of cats**. Dordrecht: Springer, 2005.

ROYSTON, P. Comment on sg3.4 and an improved D'Agostino test. *Stata Technical Bulletin* 3, 1991, pag 23 e 24.

PINHEIRO, Adriane Gonçalves et al. **SOCIALIZAÇÃO DOS GATOS COM OU-TRAS ESPÉCIES**. **Ciência Veterinária**, 2015.

SCHOLTEN, Ariane Damiani. **Particularidades comportamentais do gato doméstico**. 2017.

SCHWARTZ, Stefanie. Separation anxiety syndrome in cats: 136 cases (1991–2000). **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 220, n. 7, p. 1028-1033, 2002.

SUNG, Wailani. **Effect of gender on initiation of proximity in free ranging domestic cats (Felis catus)**. 1998. Tese de Doutorado. University of Georgia.

SHREVE, Kristyn R. Vitale; UDELL, Monique AR. What's inside your cat's head? A review of cat (*Felis silvestris catus*) cognition research past, present and future. **Animal cognition**, v. 18, n. 6, p. 1195-1206, 2015.

STATISTA. **Number of dogs and cats kept as pets worldwide in 2018** (in millions). 2018. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/1044386/dog-and-cat-pet-population-worldwide/>>. Acesso em: 17 de agosto de 2021.

TRAVNIK, Isadora de Castro et al. **Temperament in domestic cats: a review of proximate mechanisms, methods of assessment, its effects on human—cat relationships, and one welfare**. *Animals*, v. 10, n. 9, p. 1516, 2020.

THOMAS, Rebecca L.; BAKER, Philip J.; FELLOWES, Mark DE. Ranging characteristics of the domestic cat (*Felis catus*) in an urban environment. **Urban Ecosystems**, v. 17, n. 4, p. 911-921, 2014.

TODD, Neil B. Cats and commerce. **Scientific American**, v. 237, n. 5, p. 100-107, 1977.

TURNER, D. C.; STAMMBACH-GEERING, K. Owner assessment and the ethology of human-cat relationships. **Pets, benefits and practice**, p. 25-30, 1990.

TURNER, Dennis C. The ethology of the human-cat relationship. **Schweizer Archiv für Tierheilkunde**, v. 133, n. 2, p. 63-70, 1991.

TURNER, Dennis C. 10 The human-cat relationship. **The domestic cat: the biology of its behaviour**, p. 193, 2000.

TURNER, Dennis C. A review of over three decades of research on cat-human and human-cat interactions and relationships. **Behavioural processes**, v. 141, p. 297-304, 2017.

VERBERNE, Gerda; DE BOER, Jaap. Chemocommunication among Domestic Cats, Mediated by the Olfactory and Vomeronasal Senses: I. Chemocommunication. **Zeitschrift für Tierpsychologie**, v. 42, n. 1, p. 86-109, 1976.

WOLFE, Randall Craig. **The social organization of the free-ranging domestic cat (Felis catus)**. University of Georgia, 2001.